

RECADO DE PARIS

RUBEM BRAGA

1232
PARIS, julho — O prof. Castro Rebelo foi para a Italia tomar parte em uma conferencia juridica internacional — mas antes foi recebido, aqui em Paris, pela "Societé Anatole France". O velho mestre de "Thais", que uma geração inteira desprezou, retoma, nestes ultimos tempos, seu prestigio. Sua obra volta a ser lida e estudada... Ela é mais bela e mais seria do que foi "moda" achar há vinte anos. E a Sociedade dos anatólios teve grande prazer em ouvir uma comunicação do professor brasileiro que tem seu interesse.

O caso é que, dentro de um livro de Anatole dedicado pelo autor, o prof. Castro Rebelo encontrou, há muitos anos, uma pagina de folhinha. Uma folhinha russa, marcando o dia 27 de julho de 1909 — um dia em que Anatole France estava no Rio. No verso da folhinha estava escrito um verso, pela mão de Anatole: "Au pied de la maison où des amours sont peints"... O prof. Castro Rebelo conhecia o verso, do poema "Leuconoe". Em todo caso, foi procurá-lo em sua biblioteca, e teve uma surpresa. No livro de Anatole, o verso está diferente: "Au pied de la maison où des mimes sont peints". Assim está nas edições anteriores e posteriores a 1909. Foi quando estava no Rio que Anatole teve a idéa (boa) de mudar a palavra "mimes" pela palavra "amours". Ambas, aliás, empregadas no sentido da figura mitologica. Investigando a coisa, o prof. Castro Rebelo descobriu que na conferencia que pronunciou no Rio, e que foi publicada em jornal da época, Anatole leu aquele verso com a correção que rabiscara atrás da folhinha russa — que ninguem sabe porque, ele tinha à mão, em Larangeiras. Um pormenor insignificante, mas que mostra o insaciavel carinho com que o grande escritor procurava melhorar tudo o que escrevia. Carinho que muitos escritores de hoje não têm por falta de gosto, de tempo, e, às vezes, o que é pior, de humildade...

**

Depois que tomou — e arrasou literalmente — a Bastilha, o povo de Paris dançou no lugar onde ela se erguia. E hoje, a 13, 14 e 15 de julho, esse bom povo continua a dançar na rua. Gente que marcha ao som de tambores, levando lanternas japonesas, grandes e pequenos bailes diante dos edificios publicos ou dos cafés de toda parte, pares humildes que rodopiam no asfalto, fogos de artificio, luzinhas tremulas. Tudo isso é ingenuo e doce como uma antiga festa de S. João no interior. A musica é alegre e sem sensualidade, não se bebe muito, mas há bailes que só acabam pelas 5 h 30, já dia claro.

Rodamos por ai, da linda praça des Vosges até a Concorde, fomos ver a Notre Dame iluminada (que milagre de delicadeza e força, através de 700 anos, essas duas grandes rosas de pedra), mas pelas 2 horas em St. Germain, irrompeu um pequeno grupo estranho. Um cartaz: "Os estudantes brasileiros saudam a França e apresentam seu Carnaval". Trinta ou quarenta jovens avançavam batucando e cantando "Mãe eu quero". O baile da esquina da rua de Rennes se dissolveu para acompanhar a turma — e as francesinhas procuravam acertar o passo carioca.

28.7.50

249